

Os verbos *ter* e *haver* existenciais no português falado em Luanda-Angola¹

The existential verbs ter and haver in the Portuguese spoken in Luanda-Angola

Silvana Silva de Farias Araujo², Nathalia dos Santos Dantas³

¹ As autoras agradecem aos colegas do GT de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), pelas sugestões feitas, ao ter sido apresentado este artigo no XXXI Encontro Nacional da ANPOLL, ocorrido na UNICAMP. Agradecemos também aos Pareceristas *ad hoc*, pelas sugestões dadas para a melhoria deste texto, que nos foram enviadas pelo editor deste periódico. Obviamente, possíveis falhas remanescentes são de nossa responsabilidade.

² Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos desde 2016. Suas pesquisas estão voltadas para a formação do português brasileiro, com estudos sobre contatos linguísticos, variedades africanas do português e variedades linguísticas do semiárido baiano (comunidades rurais, urbanas e rurbanas).
E-mail: silvana.uefs.2014@gmail.com

³ Graduanda em Letras com Inglês na UEFS, bolsista do projeto de pesquisa "A concordância verbal em Luanda-Angola: elementos para a discussão sobre a formação do português brasileiro", pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica (CNPq).
E-mail: nathi.ndantas@gmail.com

RESUMO: Com o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, pesquisa-se a variação no uso dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais, com dados orais do português de Luanda (PL). Objetiva-se contribuir para o entendimento acerca da natureza do português de variedades africanas. Os resultados mostram que há uma variação estruturada no PL, sendo que o *ter* existencial é amplamente utilizado, com uma frequência de 42% e é favorecido, principalmente, pelo fator baixa ou nenhuma escolarização; embora, no cômputo geral dos dados, o verbo *haver* predomine em construções existenciais, com uma frequência de 58%. Os resultados são analisados qualitativa e quantitativamente em tempo aparente. Os dados foram levantados na fala de 23 informantes, em entrevistas sociolinguísticas pertencentes ao acervo dos projetos "Em busca das raízes do português brasileiro" e "A concordância verbal em Luanda-Angola: elementos para a discussão sobre a formação do português brasileiro", sediados na Universidade Estadual de Feira de Santana. Nesse sentido, buscando contribuir para os estudos sobre a formação da realidade sociolinguística brasileira, acredita-se que é importante a realização de estudos que se centrem em dados coletados em outros continentes que não apenas o europeu – como propôs Petter (2007) –, pois, assim, torna-se possível a comparação entre a variedade brasileira e as variedades africanas do português, ampliando-se o debate sobre a influência do contato linguístico na formação dessas variedades e a discussão sobre a atuação de fatores linguísticos e socioculturais em fenômenos linguísticos variáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Verbos *ter* e *haver*; Português luandense; Verbos existenciais.

ABSTRACT: Within the theoretical and methodological framework of the Variationist Sociolinguistics, it researches the variation into the use of the verbs to have (*ter/haver*) in existential constructions, with oral data from the Portuguese spoken in Luanda (PL). It aims to contribute to the comprehension about the nature of the African Portuguese varieties. The results show that there is a structured variation in the PL, being the existential form of the verb "*ter*" widely used, with a frequency of 42% and it is increased by the low schooling factor; although, in general terms, the verb "*haver*" prevails in the existential structures, with a frequency of 58%. The results are analyzed qualitatively and quantitatively in apparent time. The data were collected in the speech of 23 informants in sociolinguistic interviews belonging to the collection of the project "In search of the roots of Brazilian Portuguese" and "A verbal agreement in Luanda Angola: elements for discussion on the formation of Brazilian Portuguese", both based at State University of Feira de Santana. In this sense, seeking to contribute to the studies on the formation of Brazilian sociolinguistic reality, it is believed that it is important to conduct studies that focus on data collected in other continents that not only European - as proposed Petter (2007) - because, thus, it becomes possible to compare the Brazilian and African varieties of Portuguese, expanding the debate on the influence of language contact in the formation of these varieties and expand the discussion of the role of linguistic and sociocultural factors in linguistic phenomena variables.

KEYWORDS: Verbs *ter* and *haver*; Portugueses of Luanda; Existential Verbs.

Introdução

Neste estudo, aborda-se a variação entre os verbos *ter* e *haver* em construções existenciais prototípicas na fala luandense (popular e culta), com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista laboviana (LABOV, 1994). Antes, contudo, de examinar a variação com os verbos existenciais, faz-se uma descrição qualitativa e quantitativa acerca de outros contextos de uso dos verbos *ter* e *haver* levantados no *corpus* sob análise, a saber: de posse, de tempos compostos, de verbos modais, de verbos funcionais e de indicação de tempo decorrido, cujos resultados estão apresentados na **Tabela 1**, adiante apresentada.

A temática da variação *ter* e *haver*, tanto em construções existenciais quanto nas demais funções mencionadas anteriormente, já vem sendo analisada há bastante tempo com dados do português brasileiro (PB) e do europeu (PE), conforme atestam os trabalhos citados neste texto. No que concerne ao português falado em outras variedades transcontinentais, a exemplo das variedades africanas, percebe-se que ainda há uma carência de pesquisas. Nesse sentido, este estudo contribui para sanar essa lacuna, trazendo à tela o português falado em Luanda, capital e maior cidade de Angola, a qual também é capital da província de Luanda. O objetivo geral desta pesquisa foi investigar possíveis semelhanças a respeito do uso dos verbos *ter* e *haver*, comparando os resultados alcançados com os obtidos por pesquisadores que analisaram a variação no PB e no PE. Partiu-se do princípio de que esse aumento do campo de observação pode proporcionar um melhor entendimento acerca da importância do contato do português com línguas africanas do grupo banto e, também, uma avaliação da atuação de fatores internos e externos na estruturação desse fenômeno variável, observando se é similar ao que se verifica em outras variedades da língua portuguesa.

Considerando, pois, o marcante contato da população de origem africana com a língua portuguesa na história sociolinguística do Brasil, os estudos sobre a realidade linguística de países africanos devem se multiplicar como um meio para recolher evidências que ampliem a compreensão sobre a formação histórica do português brasileiro, bem como para a compreensão acerca da influência de fatores linguísticos e socioculturais nos usos linguísticos.

A partir desta introdução, o artigo está estruturado da seguinte forma: na seção 1, faz-se um breve resgate histórico acerca do uso dos verbos *ter* e *haver*, evidenciando como este último passou de possessivo para existencial na história da língua portuguesa. Em seguida, na seção 2, apresenta-se uma revisão da literatura com ênfase na comparação entre o PB e o PE, no que tange ao uso dos verbos *ter* e *haver* existenciais. Após essas discussões, passa-se, na seção 3, a uma exposição sobre aspectos metodológicos e a comunidade de fala e apresenta-se a análise variacionista dos resultados alcançados, fazendo-se uma discussão sobre as construções com esses verbos em diferentes contextos linguísticos no falar luandense e, depois, detendo-se no uso variável dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais. Por fim, são apresentadas as principais conclusões.

1 Breve resgate histórico de *ter* e *haver* na evolução da língua portuguesa

No português brasileiro corrente, as construções existenciais podem ser construídas com os verbos *ter* e *haver*, conforme é exemplificado nas frases seguintes:

- (1) **Tem** uma partezinha assim pra você botar os pés. (CALLOU; AVELLAR, 2000, p. 87)

- (2) **Há** essa preocupação. (CALLOU; BATISTA; ALMEIDA, 2015, p. 191)
- (3) Na televisão **tem** poucos musicais [...] (BATISTA, 2012, p. 52)
- (4) E os cachorros que sempre... sempre... **haviam** muitos lá, bassês, conhece? (CALLOU; BATISTA; ALMEIDA, 2015, p. 191)
- (5) **tinha** o Senac que atendia pra almoço. (MARTINS; CALLOU, 2003, p. 01)
- (6) **houve** uns dois crimes aí que chocaram um pouco. (VITÓRIO, 2013, p. 80)

Embora não seja o cerne deste trabalho, cabe notar que, quando o sintagma nominal (SN)-argumento interno é de número plural, as formas verbais existenciais podem sofrer flexão de número, como se verifica nos exemplos (8):

- (7) **tem** umas partes assim agressivas. (VITÓRIO, 2011, p. 79¹)
- (8) **tinham** duas concorrências. (CALLOU; BATISTA; ALMEIDA, 2015, p. 191)²

Segundo Callou, Batista e Almeida (2015, p. 192), no PB do século XXI, essa flexão plural, embora não seja muito frequente, é motivada quando o falante se encontra numa situação formal, fazendo uso de gêneros textuais mais monitorados, a exemplo de discursos políticos; em situações, portanto, que podem ser consideradas de hipercorreção. As explicações para essa possível flexão podem ser várias, desde as estruturais (como, por exemplo, o fato de o falante interpretar como sujeito o sintagma nominal que se segue ao verbo existencial em estruturas impessoais) às explicações históricas. Nesta seção, o foco estará nas históricas.

¹ Segundo Callou, Batista e Almeida (2015, p. 192), “essa possibilidade de pluralização é inibida quando o verbo está no presente do indicativo [...]”. Atente-se ainda à impossibilidade de diferenciação *tem/têm* na modalidade oral do PB.

² É sabido que é muito criticada em gramáticas prescritivas a flexão de plural com o verbo *haver* existencial, em, por exemplo, sentenças como “*Houveram* problemas” e “*haviam* candidatos” (exemplos meramente ilustrativos, isto é, não foram retirados de nenhum banco de dados).

Inicialmente, é preciso mencionar que o verbo *haver* é derivado do verbo latino clássico *habere*, enquanto o verbo *ter*, do verbo *tenere*. Nesse sentido, Costa (2010, p. 61), destaca as relações de proximidade entre esses verbos latinos:

O verbo *habere* comportava, entre outros, os seguintes significados: ter, possuir, guardar, dever; por outro lado, *tenere* significava segurar, obter, ser senhor de, ocupar, guardar, entre outros. Podemos comprovar que havia já alguns pontos comuns entre a significação dos dois verbos, pois ambos “foram usados para indicar a posse de coisas materiais e também para relacionar o sujeito a seu complemento, o que deve ser considerado uma posse espiritual” (SAMPAIO, 1978, p. 1).

Na fase arcaica da língua portuguesa³, as estruturas mais frequentes em que se utilizavam esses verbos continuam sendo as estruturas de posse. Assim, embora inicialmente fossem comuns frases como “...outra *moller* que *aia* marido...”⁴, com o passar do tempo, *habere* foi sendo preterido pelo verbo *tenere*, ganhando espaço e maior aceitação entre os falantes, conforme explana Costa (2010, p. 64):

“*Aver*”, que no início do século XIII se apresentava como o verbo principal para a expressão de posse em português, foi gradualmente cedendo o seu lugar a “*teer*”, em todas as possibilidades de utilização de atributos possessivos.

Segundo Mattos e Silva e Machado Filho (2009, p. 338), *ter* passa a predominar como possessivo já no século XVI. Essa progressiva substituição resultou, nos dias atuais, na clara preferência pela utilização do verbo *ter* como valor de posse, não existindo mais o verbo *haver* com esse valor

³ Século XIII a 1^a metade do séc. XVI. Foi utilizada a classificação adotada por Mattos e Silva e Machado Filho (2009).

⁴ Exemplo extraído de Callou e Avelar (2012, p. 229), que levantou o dado do *Corpus Informatizado do Português Medieval - CIPM (Tycho)*.

semântico. Ainda segundo os autores supracitados, é também no século XVI, que o verbo *ter* emerge como existencial, sendo documentado, inclusive, na Gramática pedagógica de João de Barros, passando a variar com o *haver* existencial, que a esta altura já havia tomado para si o valor de existência, antes do domínio do verbo *ser*.

Em relação à possibilidade de concordância com o SN plural aludida acima, Callou, Batista e Almeida (2015) atribuem essa possibilidade ao fato de as construções existenciais com *ter* e *haver* terem herdado aspectos sintático-semânticos de suas versões possessivas, entre elas, a possibilidade de concordância, “comprovando que um item pode emergir em um novo contexto sem perder características de suas versões anteriores” (CALLOU; BATISTA; ALMEIDA, 2015, p. 192). A propósito, Callou (2008) assinala que, em textos escritos nas décadas de quarenta e de cinquenta do século XVI, encontram-se evidências, embora raras, tanto de *ter* “existencial” quanto de *haver* existencial com concordância, “lembrado por Ivo Castro, e anotado como ‘novidade’ no século XVIII por Said Ali” (CALLOU, 2008, p. 61).

Em resumo, observa-se que o verbo *ter* foi ganhando, cada vez mais, espaço na história da língua portuguesa, de maneira que excluiu totalmente o uso de *haver* com valor de posse e ainda passou a disputar com este verbo o sentido existencial. No português brasileiro, isso é bem notável, sendo agramaticais sentenças como (09) e (10) e gramaticais/aceitáveis sentenças como (11).

(9) *O menino *houve* problemas para chegar no horário.

(10) *Ele *há* carro.

(11) Não *há/tem* cadeiras na sala.

Nesse sentido, cabe analisar, contrastivamente, como se processa, atualmente, no português brasileiro e no português europeu essa

evolução histórica, que, conforme se explanou acima, vem ocorrendo desde o latim. Desse modo, na seção 2, é feito um cotejo entre as duas variedades nacionais/continentais do português, a brasileira e a europeia.

2 *Ter* e *haver* como verbos existenciais no português brasileiro e no português europeu

Os estudos centrados no uso variável dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existência demonstram que, no PB, construções existenciais são normalmente formadas com o verbo *ter*, estando o processo de substituição de *haver* por *ter* em estágio avançado, principalmente em contextos menos formais de produção e na modalidade oral da língua.

Callou (2012), ao investigar a fala culta⁵ concernente a duas cidades brasileiras, Salvador (região Nordeste) e Rio de Janeiro (região Sudeste), em tempo real de curta duração (décadas de 70 e de 90, do século XX), concluiu que há uma acentuada preferência pelo *ter*-existencial, sendo possível, inclusive, identificar uma mudança em progresso: “o percentual de *ter* salta de 63%, em 70, para 76%, em 90, no Rio de Janeiro, e, na fala culta de Salvador, o percentual passa de 74%, em 70, para 86%, em 90.” (CALLOU, 2012, p. 162). A autora ainda comparou os resultados da fala culta brasileira com dados do português europeu (PE) falado culto⁶, também com *corpora* referentes às duas décadas, e identificou que, no PE, construções existenciais são expressas predominantemente, nas duas sincronias, com a forma padrão *haver*, em oposição ao PB, o qual dá preferência ao *ter*-existencial, embora não seja uma mudança concluída e ainda mantenha o seu valor de posse

⁵ Amostras do Projeto NURC.

⁶ Amostras do Projeto VARPORT.

concomitantemente ao de existência. Ressalta-se que também na fala não culta⁷ o uso de *ter* existencial é predominante no PB, como constatou Duarte (2003), também realizando um estudo em tempo real de curta duração. Na amostra da fala carioca do ano de 1980, o percentual de *ter* encontrado foi de 87%, ao passo que o de *haver* foi de 10%. Na amostra do ano de 2000, esse percentual muda para 91% contra 6% de uso de *haver*.⁸

Há, nitidamente, um uso diferenciado em relação aos verbos *ter* e *haver* existenciais no PB e no PE, que, pode estar relacionado, inclusive, à marcação de parâmetros nas duas variedades. Nesse sentido, Callou e Avelar (2012) salientam que o uso do verbo *ter* pode ser interpretado de maneira diferenciada nas duas variedades, a saber, como possessivo no PE e como existencial no PB, como se verifica em sentenças com sujeito nulo, conforme exemplos (12)⁹.

- (12) a. *Tem várias calças dentro do armário.*
 PE: 'Ele/Ela tem diversas calças dentro do armário'
 PB: 'Há várias calças dentro do armário'
- b. *Tinha um documento na carteira.*
 PE: 'Ele/Ela tem um documento dentro na carteira'
 PB: 'Há um documento dentro da carteira'
- c. *Tem dois computadores no escritório.*
 PE: 'Ele/Ela tem dois computadores no escritório'
 PB: 'Há dois computadores no escritório'

⁷ Usa-se este termo com o significado de "fala de pessoas sem nível superior completo".

⁸ Salienta-se que a variável estudada pela autora era ternária, pois a mesma considerou também o verbo *ver*, conforme seu exemplo: "Você vê muito concreto na tua frente", variando com "Há/Tem muito concreto na tua frente", por essa razão os percentuais não contabilizam 100%.

⁹ Os exemplos (12), (13) e (14) foram extraídos de Callou e Avelar (2012, p. 225-226), em cujo estudo estão numerados, respectivamente, (01) (02) e (03).

Essa diferença interpretativa, segundo apontam os autores, não ocorre quando o sujeito estiver expresso ou quando a frase for com o verbo *haver*:

- (13) *Ele tem várias calças dentro do armário.*
 PE/PB: 'Ele/Ela tem diversas calças dentro do armário.'
- (14) *Há várias calças dentro do armário.*
 PB/PE: 'Há diversas calças dentro do armário'

Esses mesmos pesquisadores, em artigo anterior, Callou e Avelar (2000), sugerem que um forte candidato a acionar a reanálise de *ter* como verbo existencial é a redução das flexões no paradigma verbal no PB, a qual teve uma drástica consequência no uso de sujeitos referenciais nulos, tornando os contextos para tal uso restritos. Os autores estabelecem, até mesmo, um paralelo temporal entre o uso de *ter*-existencial e a perda do sujeito nulo, detectada no final do século XIX (DUARTE, 1995; TARALLO, 1993). Desse modo, coadunando com os autores, podemos afirmar que a implementação de *ter*-existencial no PB se encaixa em um conjunto maior de mudanças por que vem passando o PB. Em outras palavras, o amplo uso de *haver* por *ter* no PE pode estar relacionado com o fato de aquele só selecionar um argumento interno e nunca um sujeito de referência definida, em conformidade com a hipótese plausível e empiricamente motivada, postulada por Callou e Avelar (2000, p. 97).

Não se detendo em explicações estruturais/paramétricas, e atendendo aos propósitos desta seção, cabe notar que o uso de *ter/haver* é frequentemente apontado como um dos aspectos que distinguem a norma brasileira da europeia (MIRA MATEUS et al., 1989; 2006). Nesse sentido, Eleutério (2003), com base em dados orais do PE, afirma que é detectado o uso de *ter*-existencial na variedade europeia, mas o *haver* é majoritário, com

uma frequência de uso expressiva, na ordem de 80%. Essa frequência de uso para o verbo *haver*-existencial aproxima-se do que tem sido encontrado sobre esse uso do verbo *haver* em textos escritos no PB, algo que revela o conservadorismo da expressão escrita do PB, ainda seguidora da norma europeia. Para exemplificar essa afirmação, cita-se o trabalho de Vitório (2013) que, ao analisar os verbos *ter* e *haver* existenciais na fala e na escrita de 64 crianças alagoanas entre 7 e 12 anos, encontrou 88% de *ter*, nos dados orais, e 7%, nos escritos. Também Avelar (2006) aponta que o uso de *ter* na língua escrita brasileira aparece com uma frequência de 8% entre os séculos XVI-XVIII, 22% no século XIX e 30% no século XX, apontando que esses resultados não revelam de fato o que realmente acontece na língua falada, em que é notável a preferência pelo verbo *ter*.

Para finalizar este breve panorama da variação *ter/haver* existenciais no PB e no PE, destaca-se que o estudo de Vitório (2010), realizado com base na fala espontânea de 64 crianças alagoanas, excluindo expressões cristalizadas, como “tem horas”, “tem vezes”, “tem dias” e os contextos opacos, encontrou apenas 7 ocorrências de *haver* em um total de 169 dados (ou seja, um percentual de 4%), sendo essas ocorrências repetições das perguntas do adulto (que funcionam com *trigger*). Esses resultados levam a se postular que o verbo *ter* é o verbo naturalmente selecionado pela criança em seu processo de aquisição da linguagem, “sugerindo que *haver* não faz mais parte desse processo, não existindo assim a variação *ter/haver* existenciais na gramática nuclear dos falantes do português brasileiro, mas sim na gramática periférica” (VITÓRIO, 2010, p. 62). Os resultados da pesquisa da autora podem ser contrastados com os obtidos por Magalhães (2006), que mostra que crianças portuguesas, aos dois anos de idade, já produzem sentenças com *haver* existencial, ao contrário das brasileiras, que, até os três anos, só constroem sentenças com *ter*.

3 Análise variacionista: *ter* e *haver* no português falado em Luanda-Angola

3.1 Palavras iniciais: os estudos sobre variedades africanas do português

É sabido que, desde o final do século XIX e início do século XX, dialetólogos e interessados em assuntos da linguagem estabeleciam um paralelo entre o PB e o PE, principalmente à medida que iam se delineando peculiaridades que diferenciavam essas duas variedades nacionais. Com o surgimento e consolidação da Linguística no Brasil, esses fatos passaram a ser investigados com base numa análise baseada em dados reais e, como apontam Oliveira et al. (2015), firmou-se, a partir de então, uma dicotomia PB/PE, tendo resultado na publicação de inúmeros trabalhos nessa direção, embasados em diferentes vertentes teórico-metodológicas. Nesse sentido, é importante frisar que, não obstante a importância dessas pesquisas para o desvelamento da identidade linguística brasileira, é igualmente salutar o cotejo entre o português europeu e o português falado em outras ex-colônias portuguesas, a exemplo das variedades faladas em alguns países africanos¹⁰.

Essas pesquisas são importantes, visto que podem trazer elementos para a discussão sobre a formação do PB, averiguando, por exemplo, o papel do contato da língua portuguesa com línguas africanas. Igualmente são importantes para as pesquisas que investigam as línguas do ponto de vista das suas estruturas, pois possibilitam a compreensão acerca da gramática da língua portuguesa.

¹⁰ Alguns autores já salientaram essa importância e já realizaram estudos nessa perspectiva, a exemplo de Inverno (2004), Petter (2007), Teixeira (2008, 2013), Araujo (2010), Brandão e Vieira (2012), Figueiredo e Oliveira (2013), entre outros. Assim, passado o período de comparação PB/PE e também entre estes e algumas línguas africanas, linguistas brasileiros têm se preocupado em comparar a variedade brasileira com as das ex-colônias portuguesas na África.

No caso específico deste trabalho, as atenções são voltadas para o português luandense, isto é, para o português falado na capital da província de Luanda, também capital de Angola. Não são feitos diretamente contrastes com dados do PB, embora sejam utilizados os resultados de pesquisas sobre os verbos *ter* e *haver* no PB, estes tomados para que se proceda, *en passant*, a um cotejo entre as duas variedades do português, a brasileira e a angolana, essa apontada na literatura como ainda em formação (TEIXEIRA, 2008, 2013) ou como já possuidora de uma identidade própria (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2013).

Em termos da importância sócio-histórica dos estudos linguísticos com dados de variedades de ex-colônias portuguesas, a realidade linguística angolana é incontestavelmente salutar para os estudos sobre a formação do PB, tendo em vista que houve a presença de negros africanos escravizados durante mais de três séculos no Brasil, que vinham em grande número de Angola. Por isso, as pesquisas sobre a variedade angolana devem ser reforçadas, como explica Teixeira (2008, p. 02):

Nos primeiros séculos de colonização do Brasil, a mão-de-obra escrava africana provinha majoritariamente da área onde ficam hoje a República do Congo e Angola – região em que predominam as línguas nativas do grupo banto. Por outro lado, a interação de brasileiros e angolanos em Luanda, desde o século XVII, quando as relações comerciais entre eles se estabeleceram de forma intensa e continuada, corrobora a necessidade de uma guinada nessa direção¹¹.

3.2 A comunidade de fala: Luanda-Angola

Luanda abriga uma grande diversidade linguística, sendo o português a língua oficial do país, convivendo com diversas línguas africanas do grupo banto, a exemplo do kikongo, do kimbundo e do umbundo. Além do contato

¹¹ A autora refere-se à implementação dos estudos sobre o português falado na África.

entre línguas diversas, a história de contatos dialetais¹² é uma tônica na cidade, pelo fato de ter recebido muitas pessoas de diferentes partes do país, em busca de segurança e de trabalho, principalmente a partir das lutas pela independência, nos anos de 1961 a 1975 e da Guerra Civil, que se estendeu de 1975 a 2002. Nesse sentido, segundo informam Teixeira e Almeida (2011), nos dias atuais, em decorrência desses fluxos migratórios, “é difícil lá encontrar um falante monolíngue de qualquer das línguas nacionais em meio aos seus 5 milhões de habitantes” (TEIXEIRA; ALMEIDA, 2011, p. 6).

Os primeiros portugueses chegaram ao território onde atualmente fica a República de Angola em 1575. Buscavam as minas de prata e ocuparam militarmente a costa em direção à barra de Quanza, de onde seguiriam em busca das minas. A eles se juntou um grupo de portugueses que teria sido expulso do Reino do Congo. Muitos desses portugueses dos primeiros tempos não suportaram as adversidades e morreram, como informa Pepetela (1990 apud Teixeira, 2008, p. 04), que afirma que dos 2.340 soldados entrados entre 1575 e 1592, restavam no final do período apenas 300, tendo, a sua maioria, sido vítima de doenças.

Como as expectativas em torno das minas de prata não foram bem sucedidas, os portugueses foram em busca de escravos, negócio que cresceu rapidamente, transformando Luanda em uma feitoria, um simples ponto de apoio para a guarda e embarque das “peças”, das quais muitos iam ao Brasil.

Houve uma política de divulgação da língua portuguesa em Angola. Os portugueses criaram, inclusive, um grupo de apoio, chamado Assimilados¹³. Aos filhos destes era dado o direito de frequentar a escola e a nacionalidade

¹² A expressão “contatos dialetais” foi utilizada para enfatizar que existem também variedades espaciais dessas línguas.

¹³ Os *Assimilados*, inicialmente, tinham a função de incentivar a adoção da cultura europeia, e, conseqüentemente, da língua portuguesa, em detrimento da cultura e línguas africanas. Mais tarde, esse grupo de apoio voltou-se contra o governo colonial e liderou a luta pela independência do país.

portuguesa. O domínio da língua portuguesa e a assimilação de hábitos da cultura europeia eram cruciais para se galgar um cargo administrativo ou qualquer outra função no governo. Consequentemente, os “nativos” foram cada vez mais afastados da vida da comunidade, na medida em que o próprio governo não oferecia condições para a sua inclusão social:

Assim, a situação linguística refletia a divisão social: a maioria da população falava kimbundo; os assimilados eram bilíngues, e só a uma parcela mínima da população, representada por portugueses, falavam unicamente o português. (TEIXEIRA; ALMEIDA, 2011, p. 103).

A população mais jovem, os filhos dos assimilados adquiriam o português como primeira língua (L1). Daí em diante, foi crescendo o número de angolanos falantes nativos do português. Após décadas de luta patrocinada por parte dos assimilados, como também por alguns descendentes de portugueses, a situação linguística de Luanda muda consideravelmente: a maior parte de população é bilíngue (português/kimbundo), uma parte considerável é monolíngue (português) e uma menor parte o é em kimbundo. (MINGAS, 2000).

3.3 A amostra

As entrevistas de onde foram levantados os dados desta pesquisa pertencem ao acervo linguístico dos projetos “*Em busca das raízes do português brasileiro*” e “*A concordância verbal em Luanda-Angola: elementos para a discussão sobre a formação do português brasileiro*”¹⁴, ambos sediados no Núcleo de estudos da língua Portuguesa da UEFS (NELP/UEFS), com entrevistas já gravadas e transcritas.

¹⁴Para a realização das entrevistas, houve a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/UEFS). O número do Parecer favorável à sua realização é 140.511. O segundo projeto é um subprojeto do primeiro, de modo que as entrevistas são as mesmas.

Os critérios utilizados para a seleção dos informantes foram: *sexo/gênero* (Masculino e Feminino); *faixa etária* (I – 20 a 30 anos, II – 36 a 50 anos e III – acima de 52); *escolaridade* (Baixa ou nula e Superior)¹⁵; *língua nativa* (Português e Línguas africanas); *local de nascimento* (Capital e Interior). Sendo assim, deveriam existir 24 informantes (sendo 4 informantes por faixa etária, dois homens e duas mulheres), mas não se encontrou ainda uma mulher da faixa I com escolaridade superior que atenda aos critérios de ser falante de línguas africanas e de ter nascido no interior.

Assim, a amostra conta com informantes distribuídos nos dois sexos, com níveis de escolaridade que se relacionam às duas principais normas do português luandense (PL) – normas popular e culta (LUCCHESI, 2001, 2015, entre outros) – em três faixas etárias, composta de falantes nativos de português e de línguas nacionais, além de naturais da capital e do interior da província de Luanda.

3.4 A análise variacionista: percurso investigativo e a análise descritiva

Embora se intentasse pesquisar a variação com a concordância verbal de número com os verbos *ter* e *haver* em construções existenciais, investigando a possibilidade de concordância do verbo com o SN tradicionalmente analisado como objeto direto, em sentenças como “*Tinha/tinham/havia/haviam* muitas dúvidas”, isso não foi possível, devido a escassez de dados com verbos com argumento interno plural. Apenas foram encontrados 131 dados, em que o argumento interno era de número plural, como se observa nos exemplos (15) a (19), pois a maioria era com o SN singular, tal como se verifica em (20) e (21):

¹⁵Consideraram-se os extremos do *continuum* sociolinguístico brasileiro, a saber, a variedade linguística falada por pessoas analfabetas ou parcamente escolarizadas (até 4 anos de escolarização) e por pessoas com escolarização superior. Essa escolha metodológica justifica-se pela intenção de se contrapor a realidade sociolinguística luandense à realidade sociolinguística brasileira, a qual, segundo Lucchesi (1994, 2015) é, além de heterogênea, bipolarizada.

- (15) [...] **há** peessoas que sabem falar português bem, e não lê. (Informante A: sexo feminino; faixa II; baixa escolaridade; falante do Umbundo como L1; natural do interior de Luanda)
- (16) [...] então **havia** também umas minhas vizinhas também. (Informante A: sexo feminino; faixa II; baixa escolaridade; falante do Umbundo como L1; natural do interior de Luanda)
- (17) [...] Ali **tinha** no quintal duas casa de cinema até. (Informante B: sexo feminino; faixa III; baixa escolaridade; falante do português como L1; natural de Luanda)
- (18) **Tem** vezes que faço... fizemos o contrário. (Informante C: sexo feminino; faixa I; nível superior incompleto; falante do português como L1; natural de Luanda)
- (19) [...]...**tinha** uns bichinhos que eles fala que é minhoca. (Informante D: sexo masculino; faixa I; baixa escolaridade; falante do Umbundo como L1; natural do interior de Luanda)
- (20) **Tem** aí essa novela da madrasta... isso tudo eu gosto. (Informante D: sexo masculino; faixa I; baixa escolaridade; falante do Umbundo como L1; natural do interior de Luanda)
- (21) Não **tem** saldo no telemóvel pra ligar pra minha filha. (Informante B: sexo feminino; faixa III; baixa escolaridade; falante do português como L1; natural de Luanda)

Desses dados com argumento interno plural, apenas foram identificados dois dados em que havia a concordância plural, as duas com o verbo *ter*. Foram os seguintes dados, levantados na fala de uma única:

- (22) Ali, era... tinha uma casa... **Tinham** duas até. (Informante B: sexo feminino; faixa III; baixa escolaridade; falante do português como L1; natural de Luanda)
- (23) [...] dentro do quintal **tinham** duas casas de cinema. (Informante B: sexo feminino; faixa III; baixa escolaridade; falante do português como L1; natural de Luanda)

Dando seguimento à investigação, procedeu-se a uma pesquisa em torno dos verbos *ter* e *haver*, com o objetivo inicial de investigar em quais tipos de estruturas ocorriam as formas verbais com esses dois verbos no português luandense. Foram consideradas as seguintes estruturas, cujos exemplos, retirados do *corpus*, se seguem:

I – *Verbos plenos (posse)*¹⁶:

- (24) [...] se eu **tivesse** a pasta... (Informante E: sexo feminino; faixa I; baixa escolaridade; falante do português como L1; natural de Luanda)

II – *Tempos compostos*:

- (25) [...] quando nasci meu pai já **tinha falecido**. (Informante F: sexo feminino; faixa I; baixa escolaridade; falante do Kikongo como L1; natural do interior de Luanda)
- (26) ...o presidente que na altura **havia ganhado** as eleições, [...] (Informante C: sexo feminino; faixa I; nível superior incompleto; falante do português como L1; natural de Luanda)

III – *Estruturas modais*:

- (27) [...] eu **tenho** que acordar antes das sete. (Informante E: sexo feminino; faixa I; baixa escolaridade; falante do português como L1; natural de Luanda)
- (28) ...aquela guerrinha entre o velho e o novo **há** que existir sempre. (Informante G: sexo masculino; faixa I; nível superior completo; falante do português como L1; natural de Luanda)

IV – *Verbos funcionais (verbo suporte ou leve)*¹⁷:

- (29) **Tenho** medo de morrer (Informante D: sexo masculino; faixa I; baixa escolaridade; falante do Umbundo como L1; natural do interior de Luanda)

¹⁶Não foi encontrado exemplo com o verbo *haver*.

¹⁷Não foi encontrado exemplo com o verbo *haver*.

V – *Existenciais*:

- (30) **Havia** mais respeito, mais respeito, agora não. (informante H: sexo feminino; faixa II; nível superior incompleto; falante do português como L1; natural de Luanda)
- (31) Não **tem** ninguém pra ir reclamar. Você reclama dentro do táxi [...] (Informante F: sexo feminino; faixa I; baixa escolaridade; falante do Kikongo como L1; natural do interior de Luanda)

VI – Existencial indicando tempo decorrido¹⁸:

- (32) As guerras iniciou **há** muito tempo. (Informante A: sexo feminino; faixa II; baixa escolaridade; falante do Umbundo como L1; natural do interior de Luanda)

A distribuição dos dados é apresentada a seguir (**Tab. 1**). Como se vê, apenas nos resultados percentuais com as estruturas existenciais, em negrito, verifica-se um processo de variação estruturada com regras, de fato, variáveis:

Tabela 1 – Verbos *ter* e *haver* no português luandense em diferentes tipos de estruturas

	<i>Ter</i>		<i>Haver</i>	
	Nº ocorrências/Total	%	Nº ocorrências/Total	%
Posse	540/540	100	0/0	0
Tempos composto	92/95	96,8	3/95	3,2
Modal	306/315	97,1	9/315	2,9
Funcional	34/34	100	0/0	0
Existencial	160/381	42,0	219/381	58,0
Tempo decorrido	0/0	0	36/36	100

¹⁸ Não foi encontrado exemplo com o verbo *haver*.

A título de comparação com o português falado em outra ex-colônia portuguesa, salienta-se que Callou, Batista e Almeida (2015, p. 192), ao investigarem o Português de São Tomé (PST), concluíram que, assim como em PE, o *haver* predomina (92%) sobre o *ter-existencial* (8% -- 11/132), e o verbo não sofre flexão de número quando o argumento interno é [+ plural]. Assim, em termos percentuais de uso do *ter existencial*, o PST é diferente do PL e do PB, aproximando-se (o PST) do de Portugal.

3.5 *Ter* e *haver* existenciais no português luandense: a análise variacionista

A partir dos resultados expostos na **Tabela 1**, verifica-se que apenas ocorre variação de fato com os verbos *ter* e *haver* existenciais (estruturas impessoais). Em vista dessa constatação e da escassez de dados de flexão de plural nas construções existenciais, a pesquisa que objetivava analisar a concordância verbal de número com os verbos impessoais, teve o seu objeto de estudo modificado para a análise variacionista em torno dos verbos *ter* e *haver* com o valor existencial. Em outras palavras, buscou-se investigar quais são os contextos linguísticos e socioculturais que favorecem o uso de tais verbos nas construções existenciais. Nesse sentido, tendo em vista que a literatura aponta que o uso inovador em relação ao uso lusitano reside no uso do verbo *ter existencial*, esta foi a variante escolhida como regra de aplicação durante as “rodadas” realizadas com o programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH; 2005). Foram controladas sete variáveis, sendo duas linguísticas e cinco socioculturais, conforme é exposto no **Quadro 1**, adiante.

Dos sete grupos controlados, quatro foram selecionados pelo Goldvarb X como relevantes para a implementação do verbo *ter* existencial, nesta ordem: *escolaridade*, *tempo verbal*, *faixa etária* e *local de nascimento*. O *input* inicial de aplicação da regra de *ter* existencial foi 0,42, o *input* final

Quadro 1 – Variáveis consideradas na análise de *ter* e *haver* existenciais no português luandense

Variáveis ou grupos de fatores:
1. Tempo verbal
2. Natureza semântica do argumento interno
3. Sexo
4. Faixa etária
5. Escolaridade
6. Língua materna
7. Local de nascimento

foi 0,41, o nível de significância foi 0,001 e o *log likelihood* foi -228.952. A seguir, são apresentados e discutidos os resultados para as variáveis selecionadas, seguindo-se a ordem de seleção.

Escolaridade

A variável escolaridade foi controlada tendo como hipótese a de que o ensino superior completo favoreceria o uso do verbo *haver*. Salienta-se, contudo, que o uso do verbo *ter* existencial não é estigmatizado, pelo menos no Brasil, sendo, na verdade, apenas um uso incentivado no ambiente escolar¹⁹. Assim, o uso de *ter* pode ser considerado um *traço gradual não padrão*, ao contrário, por exemplo, do uso da variante zero de plural da concordância verbal, que pode ser considerada *traço não padrão abrupto ou descontínuo*, termos utilizados com base na terminologia proposta por Bortoni-Ricardo (2011). Seguindo esse raciocínio, acredita-se que, influenciados por fatores linguísticos e estilísticos, informantes escolarizados podem usar a variante *ter*, mas, ao fazerem uso da escrita ou em situações formais de fala, optam

¹⁹Os resultados de pesquisas com dados de escrita de estudantes, adiante comentadas neste texto, corroboram com esta afirmação.

preferencialmente por *haver*, já que têm consciência das implicações sociais do uso de ambas as variantes.

Nesse sentido, o controle da variável escolaridade revelou um comportamento diferenciado no uso dos verbos *ter* e *haver* a depender da escolaridade do informante. Na **Tabela 2**, apresentam-se esses resultados:

Tabela 2 – Atuação da variável *escolaridade* no uso do verbo *ter* existencial no português luandense

Fatores	Ocorrências/Total	%	Peso Relativo
Baixa ou nula	76/132	57,6	.63
Ensino Superior	84/249	33,7	.43
Total	160/381	42	

A partir da interpretação dos resultados expostos, já é possível presumir que o verbo *ter* existencial é mais utilizado por falantes analfabetos e/ou parcamente escolarizados. A frequência de *ter*, que em todo o *corpus* é de 42%, aumenta para 57,6% na fala desses informantes. Já a frequência do verbo *haver*, que em todo o *corpus* é de 58%, aumenta para 66,6% com os dados dos informantes cultos. Assim, tal como se verifica no PB, é na norma popular luandense²⁰ que se verifica mais o uso do verbo *ter*, apresentando peso relativo no valor de .63.

Tempo verbal

Inicialmente, pensou-se em controlar tempo e modos verbais conjuntamente. Porém, os resultados mostraram-se de difícil interpretação, como se lê na **Tabela 3** a seguir.

²⁰Adotou-se o conceito teórico da bipolarização de normas, proposto por Coseriu (1967) e Lucchesi (2001, 2015, entre outros).

Tabela 3 – Atuação da variável tempo e modo verbais no uso do verbo *ter* existencial no português luandense

Fatores	Ocorrências/Total	%	Peso Relativo
Subjuntivo (Presente, Futuro, Pretérito, Imperfeito)	13/23	56,5	.68
Pretérito imperfeito do Indicativo	31/55	56,4	.67
Infinitivo	11/20	55	.65
Pretérito Perfeito	7/14	50	.63
Presente do Indicativo	97/261	37,2	.43
Futuro do Indicativo (Presente e Pretérito)	1/7	14	.33
Total	160/380*	42	-

*Foi retirado o único dado encontrado com verbo no particípio: “Na sua generalidade tem havido... er... er... muita [...]”.

Assim, procedeu-se à recodificação dos dados, agrupando-os por tempo verbal (presente, passado, futuro, infinitivo). Os resultados obtidos estão na **Tabela 4**.

Tabela 4 – Atuação da variável tempo verbal no uso do verbo *ter* existencial no português luandense

Fatores	Ocorrências/Total	%	Peso Relativo
Passado	44/77	57,1	.69
Infinitivo	11/20	55	.66
Futuro	7/17	41,2	.50
Presente	98/266	36,8	.43
Total	160/380	42	

Os resultados apontam para um favorecimento do verbo *ter* no tempo passado, algo que destoava do que demonstram a literatura. Callou e Avelar (2000, p. 91), por exemplo, ao investigarem a fala culta carioca com dados das

décadas de 1970 e 1990, concluem que construções no passado favorecem o uso de *haver*, enquanto construções no presente favorecem o uso de *ter*, conforme expõem: “As construções no passado favorecem a ocorrência de *haver*, enquanto as no presente a de *ter*”. Contudo, vale salientar que os referidos autores analisaram os dados do pretérito separadamente, sendo que o tempo perfeito revelou um aumento de peso relativo concernente ao verbo *haver*, conforme se vê na **Tabela 5**:

Tabela 5 – Peso relativo aos tempos verbais para a ocorrência de *ter*

Tempo Verbal	Década de 70	Década de 90
Presente	.60	.60
Pretérito perfeito	.09	.38
Pretérito imperfeito	.44	.45

Fonte: Callou e Avelar (2000, p. 92).

Em vista dessa constatação, procedeu-se à investigação dos verbos com um refinamento dos fatores, codificando os dados do pretérito separadamente (imperfeito e perfeito) e também decidiu-se excluir os dados do verbo no infinitivo e do futuro, a fim de possibilitar uma melhor comparação dos resultados com os resultados obtidos por outros pesquisadores. Os resultados dessa recodificação estão na **Tabela 6**.

Tabela 6 – Atuação da variável tempo verbal no uso do verbo *ter* existencial no português luandense, após recodificação dos dados

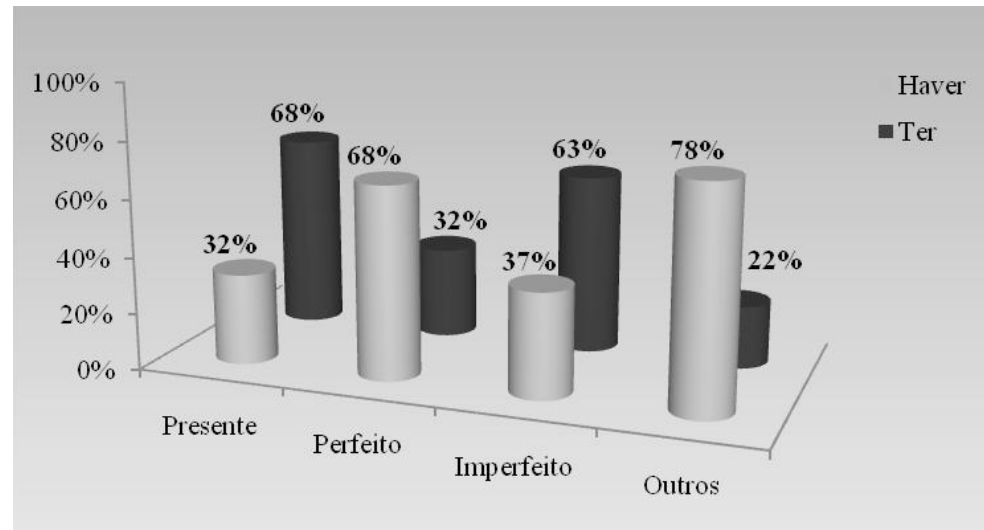
Tempo Verbal	Ocorrências/Total	Frequência (%)	Peso Relativo
Presente	98/266	36,8	.44
Pretérito perfeito	22/39	56,4	.75
Pretérito imperfeito	22/38	57,9	.60

Input 0.397; Log likelihood = -200.129; Significance = 0.041.

Como se nota na Tabela 6, não houve mudança em relação aos resultados expostos na Tabela 4, sendo mesmo o tempo presente o desfavorecedor do verbo *ter* e não se identificou uma diferença entre o perfeito e o imperfeito. A seleção das demais variáveis se mantiveram, razão pela qual se prosseguiu a discussão considerando a primeira codificação dos dados.

Sobre a atuação dos tempos verbais, Marins (2013, p. 69), ao investigar as sentenças existenciais com os verbos *haver* e *ter* no PB e no PE ao longo da segunda metade do séc. XIX até o séc. XX, tendo como *corpora* peças de teatro, constatou – tal como Callou e Avelar (2000) – que, no PB, o pretérito perfeito é muito utilizado com o verbo *haver*, sendo o presente o tempo em que mais o verbo *ter* é utilizado, o contrário dos resultados obtidos neste estudo.

Gráfico 1 – Distribuição de *ter* e *haver* pelos tempos verbais a partir da segunda metade do século XX (PB)



Fonte: Marins (2013, p. 83).

A propósito, neste estudo, mesmo tendo sido realizada outra rodada, acrescentando o fator “outros verbos” para abrigar os dados de futuro e de infinitivo, os tempos verbais no passado continuaram a desfavorecer o uso do verbo *ter*, algo que pode revelar um comportamento diferenciado do português luandense em relação ao PB. A **Tabela 7** traz esses resultados.

Tabela 7 – Atuação da variável tempo verbal no uso do verbo *ter* existencial no português luandense, após recodificação dos dados com base em Marins (2013)

Tempo Verbal	Ocorrências/Total	Frequência (%)	Peso Relativo
Presente	98/266	36,8	.43
Pretérito perfeito	22/39	56,4	.76
Pretérito imperfeito	22/38	57,9	.62
Outros verbos	17/38	44,7	.55

Input 0.402; Log likelihood = -228.476; Significance = 0.004.

Faixa etária

O binômio *Varição-Mudança* pode ser escrutinado por meio do controle da variável faixa etária, permitindo que se façam projeções históricas acerca do fenômeno variável. Geralmente, julga-se que os mais jovens usam mais a forma considerada *inovadora não padrão*, enquanto os mais velhos usam mais a forma *conservadora padrão*. Tal afirmação, obviamente, não pode ser tomada como geral, uma vez que os estudos sociolinguísticos devem partir da consideração das particularidades que envolvem o fenômeno em análise, além das particularidades da comunidade de fala. Por conseguinte, é preciso ter em conta que nem sempre “inovar” é sinônimo de “afastar-se da norma padrão”; basta, por exemplo, considerar os resultados das comunidades rurais afro-brasileiras estudadas por Lucchesi, Baxter e Silva (2009), em que se vê um maior uso da variante padrão de concordância verbal na fala dos informantes mais jovens, atestando que essa é a forma inovadora na comunidade.

Por conseguinte, destaca-se que, no modelo sociolinguístico, a análise empreendida com base no fator faixa etária é muito importante, já que, por meio do recurso do *tempo aparente*, analisa-se se os casos de variação refletem uma *variação estável* (coexistência de formas intercambiáveis no sistema linguístico) ou *mudança em progresso* (concorrência entre as variantes, com tendência de permanência de apenas uma delas). Ao utilizar o *recurso do tempo aparente*, o pesquisador baseia-se no pressuposto de que diferenças linguísticas entre gerações podem espelhar desenvolvimentos diacrônicos, desde que outros fatores se mantenham inalterados; por isso, é necessário observar a sócio-história da comunidade.

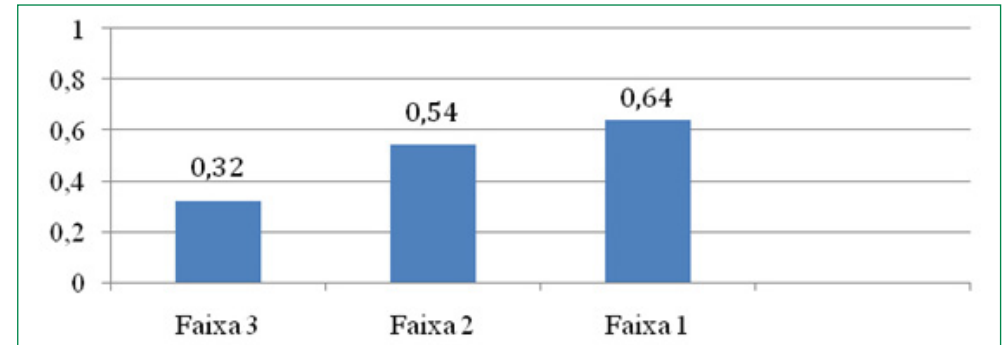
Quanto aos resultados obtidos neste estudo, foi constatado que são as faixas etárias mais jovens (as Faixas 1 e 2) que favorecem o uso do verbo *ter*, sugerindo um caso de mudança em progresso. A seguir, são expostos os resultados relativos ao controle da faixa etária do informante:

Tabela 8 – Atuação da variável *faixa etária* no uso do verbo *ter existencial* no português luandense

Fatores	Ocorrências/Total	%	Peso Relativo
Faixa 1 (20 a 30 anos)	59/124	47,6	.64
Faixa 2 (36 a 50 anos)	69/138	50	.54
Faixa 3 (acima de 52)	32/119	26,9	.32
Total	160/381	42	

Constata-se que o menor índice de aplicação do verbo *ter* concentra-se na faixa etária mais alta (faixa 3), ou seja, os idosos de Luanda usam mais o verbo *haver*. Assim, há o favorecimento da aplicação da regra de *ter* apenas nas faixas mais jovens, mas com um valor mais significativo na faixa 1 (.64). O **Gráfico 2** ilustra de forma mais nítida o comportamento dos informantes luandenses, com os valores dos pesos relativos no que diz respeito ao uso de *ter* existencial em função da faixa etária dos informantes:

Gráfico 2 – Atuação da faixa etária no uso do verbo *ter* existencial no português luandense (pesos relativos)



Dado o exposto, é possível afirmar que, em termos de construção existencial, a variável inovadora é o verbo *ter*, de modo que são os informantes da faixa 3 os únicos que mantêm o uso de *haver existencial*. Salienta-se que os resultados dizem respeito aos dados conjuntamente, isto é, normas popular e culta. Nesse sentido, considerando que a escolaridade reflete histórias sociolinguísticas distintas, foi feito o cruzamento das variáveis *faixa etária* e *escolaridade*, a fim de investigar se havia tendências diferenciadas no rumo da variação/mudança. Os resultados estão expostos na **Tabela 9**.

Tabela 9 – Frequência do uso de *ter* existencial no português luandense segundo o cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária

Escolaridade	Faixa Etária	Ocorrências/Total	%
Baixa ou nula (norma popular)	Faixa 1	29/41	71
	Faixa 2	39/68	57
	Faixa 3	8/23	35
Superior (norma culta)	Faixa 1	30/83	36
	Faixa 2	30/70	43
	Faixa 3	24/96	25
Total		160/381	42

Desse modo, vislumbra-se, na fala luandense, uma realidade próxima ao que ocorre nos processos de mudança “de baixo para cima”, já que se observa o contexto de menor resistência nas faixas etárias mais jovens (para o uso da variante considerada inovadora). Cabe interpretar o fato de, na fala dos menos escolarizados (norma popular), o uso mais comum entre os informantes da faixa 3 ser o verbo *haver*. Em outras palavras, acerca do fato de ser essa variante dos verbos existenciais o uso tradicional/conservador. Sobre isso, aventa-se a hipótese de que como o português angolano ainda está em formação, tendo o país se livrado do jugo português há pouco tempo, os informantes da faixa 3 foram os que estiveram em maior contato com os portugueses no período da colonização, e estes, como afirmado na seção 2 deste texto, utilizam mais o verbo *haver*.

Local de nascimento

Os resultados obtidos com o controle da variável local de nascimento do informante foram ao encontro da hipótese formulada neste estudo. Tais resultados revelaram que os informantes que nasceram no interior do país utilizam mais a variante não padrão, ou seja, o *ter existencial*, algo que pode ser interpretado pelo fato de terem os informantes do interior da província de Luanda tido menos contato com os portugueses, já que estes se concentravam mais na capital do país. Na Tabela 10, são apresentados os resultados:

Tabela 10 – Atuação da variável local de nascimento do informante no uso do verbo *ter existencial* no português luandense

Fatores	Ocorrências/Total	%	Peso Relativo
Interior	96/192	50	.60
Capital	64/189	33,9	.40
Total	160/381	42	

Conclui-se, pois, que a variação *ter* e *haver* existencial é, sobretudo, condicionada por fatores socioculturais. Neste estudo, foram selecionadas como relevantes as variáveis extralinguísticas *Escolaridade*, *Faixa etária* e *Local de nascimento do informante*. A única variável linguística que se mostrou relevante foi o *tempo verbal*. A variável *Natureza semântica do SN argumento interno*, por exemplo, não foi selecionada.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo principal estender a análise da variação dos verbos *ter* e *haver* existenciais, considerando também a língua portuguesa de variedades africanas, especificamente o português falado em Luanda-Angola. Nesse sentido, correlacionando os resultados obtidos com as questões históricas e contrastivas expostas nas seções 1 e 2, podem ser feitas algumas considerações. Destaca-se, inicialmente, que a substituição do *haver* por *ter* em contexto de posse já ocorria desde o século XVI na língua portuguesa, estando essa mudança concluída na língua portuguesa, quer na variedade brasileira, europeia ou luandense. Por outro lado, essa convergência não é verificada no que concerne ao sentido existencial, pois o PB e o PL assemelham-se e diferem em relação ao PE. Contudo, a propósito dessa semelhança, verifica-se uma diferença no padrão de uso no que concerne à norma popular luandense, a partir dos resultados revelados a partir da variável *Faixa etária* (cf. **Tabelas 8 e 9**). O verbo *haver*, forma padrão, é favorecido na fala dos informantes mais idosos (faixa III), algo que destoia dos estudos com dados de fala popular brasileira (VIEIRA, 1995, entre outros), em que a forma padrão é mais frequente e favorecida pelos mais jovens. Atribuiu-se esse resultado ao fato de o português luandense ainda está em formação (INVERNO, 2004, TEIXEIRA, 2008).

Nesse sentido, quanto à análise variacionista realizada, os resultados expostos na **Tabela 1** revelaram que a única estrutura em que ocorre uma variação estruturada com esses dois verbos é com a estrutura existencial (em sentenças impessoais). Detectou-se que o verbo *ter* é bastante usado em Luanda, embora o verbo *haver* ainda seja predominante (58%). Porém, quando foram analisados os dados isoladamente, por subamostra investigada, ou seja, os dados dos analfabetos ou parcamente escolarizados *versus* dos escolarizados, respectivamente, normas popular e culta luandense, observou-se que, na norma popular, não é tão frequente a dicotomia *ter/haver*, estando as frequências de uso próximas (57,6% de *ter* e 42,4% de *haver*); ao contrário do que se verifica na norma culta, em que há uma realidade bipolarizada (33,4% de *ter* contra 66,6% de *haver*)²¹.

Os informantes mais jovens são os que mais usam a variante inovadora (*ter* existencial), resultado que aponta para uma possível mudança em progresso. O cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária indicou que são os informantes com baixa ou nula escolaridade os que mais usam o verbo *ter*. Se essa frequência de uso se mantiver na comunidade, pode uma mudança se concretizar no português luandense, a favor da regra de *ter* existencial.

Em termos da descrição da variedade luandense, os resultados da variação *ter* e *haver* existenciais encontram paralelos com os obtidos em outros estudos realizados com dados no PB, haja vista que, tanto no PL quanto no PB, verifica-se, por exemplo, um maior uso do *ter* na fala de pessoas com pouca ou nenhuma escolarização. Nesse sentido, essa convergência entre as duas variedades do português destoa dos resultados obtidos em pesquisas realizadas sobre a concordância verbal de número no português luandense (ARAUJO, 2010, ARAÚJO; LUCCHESI, 2016, e ARAUJO, 2016), pois, nesses

²¹ Remete-se o leitor para os resultados expostos na **Tabela 2**.

estudos, detectou-se um contraste entre o PB e o PL, sendo detectada uma predominância da concordância padrão na fala luandense (inclusive entre usuários da norma popular), ao contrário do que ocorre no PB popular. Desse modo, ora o PL se aproxima do PB, ora se afasta. Assim, nem sempre se observa a mesma evolução nas diferentes variedades continentais da língua portuguesa, conforme concluiu Callou (2009, 2012) sobre o PB e o PE, atestando que ora essas variedades são semelhantes, ora diferentes, dependendo do fenômeno linguístico em questão.

Referências

- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. O uso variável da concordância verbal no português do Brasil (PB) e no português de Angola (PA): a história externa em foco. In: COLÓQUIO DA LUSOFONIA, 13., e ENCONTRO AÇORIANO, 5., 2010, Florianópolis. *Atas do...* Florianópolis, 2010.
- _____. A concordância verbal nos *continua* sociolinguísticos do português brasileiro e do luandense. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 24, n. 1, p. 25-46, 2016.
- ARAUJO, Silvana Silva de Farias; LUCCHESI Dante. Um estudo contrastivo sobre a concordância verbal em Feira de Santana e em Luanda. *Papia*, v. 26, n. 1, p. 71-99, 2016.
- AVELAR, Juanito. De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de HAVER no português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 49-74, 2006.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. *Papia*, v. 22, n. 1, p. 7-39, 2012.
- CALLOU, Dinah Maria Isensee. A propósito de norma, correção e preconceito: do presente para o passado. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 36, n. 1, p. 57-73, 2008.
- _____. Sobre variação e mudança no português do Brasil: aspectos morfossintáticos. In: LOBO, Tania et al. (Org.). *Linguística histórica, história da língua e outras histórias*. Salvador/BA: EDUFBA, 2012. v. 1, p. 155-170.

CALLOU, Dinah Maria Isensee; AVELAR, Juanito. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá* (UFF), UFF, v. 9, n. 2, p. 85-100, 2000.

_____. Preservação e Mudança na História do Português: de Possessivo a Existencial. *Matraga* (Rio de Janeiro), v. 19, n. 30, p. 224-235, 2012.

CALLOU, Dinah Maria Isensee; ALMEIDA, Erica. Mudanças em curso no português brasileiro: contrastando duas comunidades. *Textos selecionados XXIV Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, p. 161-168, 2009.

CALLOU, Dinah Maria Isensee; BATISTA, Priscila; ALMEIDA, Erica. Houveram/tiveram muitas reuniões': Construções existenciais e concordância verbal. *Cuadernos de la ALFAL*, v. 7, p. 185-194, 2015.

COSERIU, Eugeniu. Sistema, norma y habla. In: *Teoria del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1967.

COSTA, Maria João. Os verbos “aver” e “teer” no português arcaico – breve sinopse. *Filologia e linguística portuguesa*, v. 12, n. 1, p. 59-68, 2010.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. 1995. 161 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, UNICAMP, 1995.

_____. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 123-131.

ELEUTÉRIO, Silvia. *A variação ter/haver: documentos notariais do século XVII*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

FIGUEIREDO, Carlos Figueiredo Guimarães; OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. *Papia*, Brasília, v. 23, n. 2, p. 105-185, 2013.

INVERNO, Liliana. Português vernáculo do Brasil e Português vernáculo de Angola: reestruturação parcial vs. mudança linguística. In: FERNÁNDEZ, Mauro; FERNÁNDEZ-FERREIRO, Manuel; VÁZQUEZ VEIGA, Nancy (Ed.). *Los Criollos de base ibérica*: ACBLPE. Madrid: Iberoamericana/Frankfurt am Main: Vervuert, 2004. p. 201-213.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. London, New York: Basil Blackwell, 1994. v. 1.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). *DELTA*. São Paulo. v. 17, n. 1, p. 97-132, 2001.

_____. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolingüística no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 331-371.

MAGALHÃES, Telma. *O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro*. 2006. 187fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, 2006.

MARINS, Juliana Esposito. *Ter, haver e existir: a representação do sujeito pronominal nas construções existenciais numa perspectiva diacrônica*. 2013. 166 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Variação *ter/haver*. In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson (Org.). *África à vista*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 338-351.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A variação *haver/ter*. In: _____. (Org.). *A carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 181-193.

MINGAS, Amélia Arlete. *Interferência do kimbundo no português falado em Luanda*. Luanda: Caxinde, 2000.

MIRA MATTEUS, Maria Helena et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1989.

_____. *Gramática da Língua Portuguesa*. 6.ed. Lisboa: Caminho, 2006.

OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte et al. O português afro-indígena e a comunidade de Jurussaca. In: AVELAR, Juanito; ALVAREZ LOPES, Laura (Org.). *Dinâmicas Afro-Latinas – Língua(s) e História(s)*. Berlin: Peter Lang, 2015. v. 1, p. 149-178.

PETTER, Margarida. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. In: *Papia*, Brasília, v. 17, n. 1, p. 09-19, 2007.

RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 343-386.

SAMPAIO, MARIA LÚCIA PINHEIRO. *Estudo diacrônico dos verbos TER e HAVER, duas formas em concorrência*. Assis: Nigro, 1978.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X*: Computer program. Department of Linguistics, University of Toronto, Canada. Disponível em: <http://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm. 2005>. Acesso em: 16 out. 2011.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém r d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 69-105.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. O pronome você no português de Luanda. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia et al. (Org.). *A língua portuguesa no mundo: I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. p. 1-16.

_____. Aspectos da pronominalização do português vernacular de Luanda: uma comparação com o português do Brasil. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pelon da Silva; CARVALHO, Cristina dos Santos. (Org.). *Sociolinguística: estudo da variação, da mudança e da socio-história do português brasileiro*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013. p. 145-167.

TEIXEIRA, Eliana S. Pitombo. O pronome você no português de Luanda. In: LIMA Hernandes, Maria Célia et al. (Org.). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: FFLCHUSP, 2008.

TEIXEIRA, Eliana S. Pitombo; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. A indeterminação do sujeito no português angolano: uma comparação com o português do Brasil. *Papia*, Brasília, v. 21, n. 1, p. 99-111, 2011.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues. *Concordância verbal: variação em dialetos populares do norte fluminense*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1995.

VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. Aquisição e variação dos verbos *ter* e *haver* existenciais no PB. *Veredas*, UFJF (online), v. 14, n. 1, p. 53-63, 2010.

_____. As construções existenciais com *ter* e *haver*: o que tem na fala e o que há na escrita. *Domínios de Lingu@Gem*, v. 7, n. 2, p. 71-89, 2013.

Recebido em: 03/08/2016

Aceito em: 03/03/2017